

AS CARACTERÍSTICAS DO FOTOJORNALISMO DE EVANDRO TEIXEIRA NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR

Luiz Henrique CASTANHEIRA¹
Prof. Me. Marco Antonio João FERNANDES JUNIOR

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar as dificuldades que Evandro Teixeira, fotógrafo que atuou durante o regime militar no Brasil, enfrentou para denunciar todo tipo de desrespeito aos direitos civis. O período apresentado por Evandro evidenciou ser caracterizado pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censuras, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar. É nesse contexto que o profissional da informação buscou burlar o regime militar e seus censores para denunciar os abusos cometidos contra os direitos civis e, ainda informar ao mundo sobre todos esses acontecimentos. O trabalho de Evandro Teixeira serviu para evidenciar uma face do regime que era pouco mostrada ao público, e seguirá servindo como matéria de estudo e conhecimento para as futuras gerações, e influenciando outros profissionais do fotojornalismo.

PALAVRAS-CHAVE

Fotojornalismo, Ditadura Militar, Censura, Imprensa.

1 Introdução

A Ditadura Militar no Brasil foi um tempo turbulento e difícil para o povo brasileiro, um período da história do país onde todos os direitos constitucionais foram cassados, havia censura muito forte aos veículos de comunicação, perseguição política para quem era contra o regime, jornais invadidos (edições recolhidas antes de serem distribuídas), editores, chefes de redação e presidentes desses órgãos de comunicação presos, alguns torturados, e muitas manifestações contra o regime. É nesse ambiente político-social hostil que o fotojornalista se embrenhava todos os dias, sem a certeza do retorno, e saía às ruas atrás de documentar todos os abusos contra os direitos civis.

Em razão desse contexto político e social, o fotojornalista era consciente de que dependia de muita astúcia e uma boa dose de sorte para poder entregar um bom trabalho ao final do dia. Muitas vezes, no meio de uma manifestação, tinha que estar muito próximo do

¹ Graduado do Curso de Licenciatura em Arte - FIRA - Faculdades Integradas Regionais de Avaré - 18700-902 Avaré - SP - lhcastanha@gmail.com

que ou de quem deveria fotografar, vulnerável a todo tipo de má sorte. Testemunhava companheiros de trabalho sendo agredidos, feridos, e outros levados aos porões da ditadura.

Sendo assim, o presente trabalho discute o embate entre o profissional do fotojornalismo com o regime militar, o primeiro tentava a todo custo mostrar e o segundo para esconder, do mais simples e frágil até o mais absurdo e inimaginável desrespeito aos direitos civis do cidadão.

Com a forte censura, havia a necessidade de se criar estratégias para que o trabalho fosse publicado, tivesse visibilidade, e para se perceber tais artificios, é necessário visitar o cenário existente naquele período conturbado e violento da história do nosso país. Foram muitos os fotojornalistas que registraram esses momentos vividos, contudo, optou-se por limitar a pesquisa aos trabalhos de um dos mais importantes profissionais dessa área: Evandro Teixeira. O objetivo nesta pesquisa é tentar responder as perguntas: Como o Fotojornalista Evandro Teixeira conseguiu trabalhar e produzir naquele contexto político e social? Como conseguiu apesar de uma censura forte ter seus trabalhos publicados? E realizar a leitura interpretativa de alguns de seus trabalhos considerando alguns dos princípios de composição fotográfica.

2 Características do Fotojornalismo

As guerras foram de certa forma o combustível para o aparecimento do fotojornalismo:

O fotojornalismo surgiu ligado à reportagem de guerra, fornecendo muitas das imagens que se tornaram referência do século XX. Ele foi a principal fonte de documentos históricos e antropológicos do nosso tempo, registrando os acontecimentos e preenchendo a memória de quem vê as imagens capturadas. E, desde 1880, a fotografia era utilizada como complemento da informação nas revistas ilustradas, na busca da sua veracidade, revolucionando a imprensa e tornando-a mais atrativa para o leitor (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p.14).

Com o tempo a fotografia foi conquistando seu espaço junto aos veículos de comunicação, e além de ser uma espécie de testemunho da verdade, revolucionou a maneira de se ler notícias:

Nos periódicos diários, a fotografia surgiu, pela primeira vez, em 1904, publicada no jornal inglês *Daily Mirror*. Porém, mais do que a complementação da informação, a entrada da fotografia nos jornais diários traduziu-se em uma mudança significativa na relação do público com a notícia que agora também tinha sua valorização pela imagem (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p. 14).

No período da ditadura militar no Brasil, após a instauração do Ato Institucional nº 5 (AI-5)², a censura aumentou muito, e os veículos de comunicação precisaram de muita criatividade, para poder informar e denunciar os desmandos do regime:

A fotografia no Brasil, se mostrou, ao longo da história recente, uma importante linguagem no processo de conscientização e informação da sociedade, onde podemos destacar os anos de chumbo da ditadura militar, quando a foto "burlava" a censura e mostrava a partir das imagens o momento dramático que o texto não podia exibir (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p. 9).

2.1 O Fotojornalismo de Evandro Teixeira na Ditadura Militar

Evandro Teixeira nasceu em 1935, em Irajuba/BA. Iniciou sua carreira como estagiário no Diário de Notícias, órgão dos Diários Associados, rede pertencente ao magnata das comunicações brasileiras, Assis Chateaubriand, na capital baiana. Em 1957 mudou-se para Rio de Janeiro, onde trabalhou no Diário da Noite até 1963, quando se transferiu para o Jornal do Brasil (MOREIRA, 2014).

Em abril de 1964, João Goulart é deposto. Os militares tomam o poder através de um Golpe. Em dezembro de 1968, o General Costa e Silva decretou o AI-5.

Sob o pretexto de conter os opositores do regime e reestabelecer a ordem pública, o governo usou o AI-5 para fechar o congresso, cassar mandatos de parlamentares, prender pessoas, suspender direitos políticos de cidadãos e a concessão de habeas corpus. O presidente ganhou ainda a prerrogativa de intervir em Estados e municípios, nomeando governadores e prefeitos. Tortura e morte de presos políticos se tornaram rotina [...]. Entretanto, o AI-5, amordaçou a mídia. Muitos veículos de comunicação foram invadidos por censores recrutados na escola de aperfeiçoamento de oficiais (MOREIRA, 2014, p. 90).

Sobre o contexto da tomada do Forte de Copacabana (1964), Moreira (2014) menciona que na madrugada do dia 31 de março de 1964, Evandro Teixeira recebeu o telefonema de um amigo do Exército, o Capitão Leno, e lhe informou que os militares haviam acabado de invadir o Forte de Copacabana e para lá estava se dirigindo. Como a equipe do Jornal do Brasil, da qual Evandro Teixeira fazia parte vinha observando os conflitos desde os dias anteriores ao Golpe, Evandro o acompanhou até o forte. Com uma máquina Leica escondida por dentro da camisa, fotografou os oficiais à paisana nas primeiras ações do regime ditatorial que se implantaria no Brasil a partir daquela noite. Os militares pensaram

² Durante os anos de 1964 e 1969, o regime militar utilizou a edição de **Atos Institucionais** para impor decisões que visavam garantir a permanência dos militares no poder. Esses atos eram decretos e normas que se colocavam acima da constituição vigente, mesmo depois dos militares outorgarem sua própria Constituição ditatorial, a de 1967. O regime militar decretou 17 atos institucionais, sendo o mais conhecido dentre eles o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que marcou a radicalização do governo durante os anos de chumbo. Esses atos eram publicados com a justificativa de serem necessários à luta contra a corrupção e pela manutenção da soberania nacional contra o avanço do comunismo no país (CORRÊA, 2017).

que ele era fotógrafo oficial do Exército e deixaram ele trabalhar, sendo ele foi o único fotógrafo a entrar no Forte.

Nesse contexto de repressão, pode-se dizer que várias batalhas foram travadas despercebidas, uma delas aconteceu entre os fotojornalistas e a censura. Os fotojornalistas tiveram um papel muito importante, pois as imagens auxiliavam e muito os textos, de certa forma mostravam o que o texto queria dizer, mas não podia dizer abertamente. Muitas vezes as imagens sofriam uma certa manipulação para escapar do crivo dos censores. A grande dificuldade era “agradar” o regime e informar a população.

Diante do exposto, o fotojornalista Evandro Teixeira relata,

Fazíamos contatos bem escuros, manipulados, de maneira que não era possível identificar direito as imagens [...]. Para os censores, dizíamos que era culpa do estagiário [...] como não tinham leitura visual, acabavam autorizando a publicação. Se percebessem que queríamos enganá-los, tomavam os filmes, dava confusão. Mas normalmente só descobriam nossas “mentirinhas” no dia seguinte, já nas páginas do jornal. Por causa disso, muitos colegas foram perseguidos. Eu mesmo tive que passar alguns dias no interior do estado até que as coisas se acalmassem (MOREIRA, 2014, p.90).

Com a forte censura nos veículos de comunicação, muitas publicações não podiam conter os fatos relatados na sua essência, e para tentar ampliar a visão do leitor, uma boa foto poderia salvar uma reportagem.

Fotografar na ditadura era uma guerra de sabedoria, esperteza e malandragem [...] procurava ângulos que driblassem a censura e mostrassem através das imagens os momentos e situações adversas que não podiam ser abordados no texto jornalístico (MOREIRA, 2014, p. 91).

Os jornais mais importantes ficavam a mercê do regime militar, censores dominavam as redações, provocando uma inércia insuportável, o que favoreceu à criação da mídia alternativa que denunciava os crimes contra os direitos civis e economia:

Dos cerca de 160 periódicos alternativos que tinham como traço comum a oposição ao regime militar, surgidos entre 1964 e 1980, apenas 25 duraram mais do que algumas poucas edições [...] O primeiro deles foi PifPaf, lançado em 1964; O Bondinho, O Pasquim, Movimento e Opinião, conseguindo reunir várias tendências, desde a discussão política e intelectual até as manifestações de humor descompromissado (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p. 138).

Muitos jornais lutaram contra o regime militar, travaram batalhas dentro e fora das redações, fizeram de tudo para denunciar todo tipo de abuso dos direitos civis cometidos pelo regime. Tiveram muita coragem e criatividade:

Em São Paulo, o grupo O Estado de São Paulo, sofrendo de uma censura brutal, principalmente depois do AI-5, [...] No Jornal da Tarde, a primeira solução foi a publicação de flores [...] receitas de bolos e doces, procurando chamar a atenção dos leitores para a censura que estava ocorrendo nas matérias [...] na manhã do dia 16 de setembro de 1977, os leitores da Folha receberam o jornal com uma longa coluna em

branco [...] criatividade para lutar contra o regime (MUNTEAL; GRANDI, 2005, p. 140).

No Jornal do Brasil, os fotógrafos apesar de muita a liberdade para trabalhar, não era permitido o uso de flash e fotômetro. Alberto Ferreira, chefe do departamento de fotografia não permitia o uso desses artificios, os novos equipamentos eram entregues aos fotógrafos sem esses acessórios, pois gostava que o seu profissional usasse o olhometro, assim era preciso criar, saber fotografar, luz natural o tempo todo (MOREIRA, 2014, p.74).

Sem flash e fotômetro, Evandro tinha que se esforçar mais e apurar sua técnica, procurar melhores ângulos para registrar com a maior fidelidade possível o acontecimento, muitas das vezes tendo que administrar as mais adversas situações estressantes e ainda as variáveis como o clima e a iluminação.

Evandro Teixeira se empenhava para que suas fotos fossem publicadas, Alberto Dines³, lembra das táticas do baiano para que o fruto do seu trabalho fosse publicado:

Ele sempre se destacou pela criatividade, pelo empenho, pela vontade. Antes mesmo te mandarem para a rua, é preciso se empenhar para que seus chefes te mandem para a rua. Depois, para a sua foto se aproveitada. Ele era chorão, ficava lutando para que sua foto fosse utilizada. [...] Evandro não ficava confinado à editoria. Corria à redação para "vender" a fotografia dele, e com bons argumentos. Demonstrava ser um profissional que tem amor pelo que faz (MOREIRA, 2014, p. 74-75).

O relato de Dines para Moreira (2014) nos faz refletir sobre a capacidade técnica desse profissional, que apenas usando a "técnica do olhometro" nos trouxe um rico acervo fotojornalístico desse período. Alguns trabalhos desse acervo serão na sequência discutidos considerando alguns princípios da composição fotográfica.

2.2 Características do fotojornalismo de Evandro Teixeira

Para melhor exemplificar o olhar jornalístico de Evandro Teixeira, foram selecionadas quatro fotos registradas no período do regime militar: A tomada do Forte de Copacabana (1964), A cavalaria em ação na igreja da Candelária em protesto durante a missa de sétimo dia do estudante Edson Luís de Lima Souto (1968), A sexta feira sangrenta (1968) e a Passeata dos cem mil (1968).

A foto abaixo (Figura 1), feita no interior do Forte de Copacabana na madrugada do dia 31 foi estampada no Jornal do Brasil do dia 1º de abril de 1964.

³ Alberto Dines foi Editor-Chefe do Jornal do Brasil no período de 1962 a 1973.



Figura 1- Tomada do Forte de Copacabana (Rio, 1964)
Fonte: Moreira (2014)

Na foto acima considerando os princípios de composição fotográfica como a “Regra dos Terços”⁴, podemos observar que os motivos principais estão colocados estrategicamente, se não em cima dos pontos principais, bem próximos, estão também quase sobre as linhas verticais, fazendo com que o espectador corra os olhos para o que o autor quer mostrar, ou seja, a silhueta dos soldados na chuva, e um aparelho militar. Por ser uma foto preto e branco, realizada contra a luz, ela nos remete a ideia de mistério, onde o contraste luz e sombra, desvenda os objetos e seu volume. Devido ao enquadramento da imagem, pode-se dizer que a ideia de profundidade nos chega devido a luz ao fundo que destaca a chuva e as silhuetas.

Sobre o jogo de claro e escuro na composição fotográfica Fraga e Zingano (2014) orientam que, “As sombras nos trazem uma mensagem com reticências, porque não sabemos o que há por trás da escuridão. São elementos essenciais em fotos preto e branco” (FRAGA; ZINGANO, 2014, p.57).

Também para o Jornal do Brasil Evandro Teixeira fotografou a missa de sétimo dia de Edson Luís de Lima Souto, estudante universitário morto no restaurante Calabouço, por um tiro disparado pela polícia do Exército, antes de um ato pela democracia. Havia mais de 50 mil pessoas revoltadas e velando o corpo do estudante, e no final da celebração com o auxílio da cavalaria, os militares cercaram a igreja e agrediram com violência as pessoas que ali estavam acompanhando a missa. Durante o conflito Evandro realizou um dos seus trabalhos mais emblemáticos, ao qual denominou “A missa e o massacre”, uma imagem onde flagrou a polícia montada perseguindo as pessoas que saíam da igreja (MOREIRA, 2014).

⁴ Regra dos Terços funciona para uma melhor distribuição dos elementos em uma fotografia. Consiste em dividir mentalmente a tela em nove partes iguais e colocar o objeto principal em um dos quatro pontos centrais, que são os pontos onde prestamos mais atenção ao ver uma fotografia, o que lhe dá uma maior valorização (FRAGA, ZINGANO, 2014, p.64).

A foto (Figura 2) foi registrada do terraço de um prédio localizado da Praça da Candelária no centro do Rio de Janeiro.



Figura 2 - A missa e o massacre (Rio, 1968)
Fonte: Moreira (2014)

Na foto acima, conforme a regra dos terços pode-se observar que no ponto do cruzamento da primeira linha vertical com a primeira horizontal está o motivo principal, ou seja, nos leva o olhar a porta da igreja onde acontecia a ato religioso. Por outro lado, a foto pode ser dividida em dois atos, separados pelas linhas horizontais, a primeira mostrando a porta principal da igreja e as pessoas já se dispersando meio apressadas e a segunda linha, destacando a chegada da polícia montada em disparada pela rua na direção do pátio frontal da igreja. A disposição dos motivos principais da foto preenche o quadro, e assim que olha para a foto nada se perde, pode-se dizer que é uma imagem completa. Com relação à essa característica da imagem, Fraga e Zingano (2014, p. 60), esclarece que “na unidade tudo o que compõe a fotografia tem que dizer algo, ter uma função, tornando-a uma imagem completa”.

Sobre o episódio de 21 de junho de 1968, o dia que ficou conhecido como "Sexta-Feira Sangrenta, Evandro Teixeira comenta:

Foi um dos dias mais sangrentos que o Rio de Janeiro viveu. O Jornal do Brasil foi fechado à bala. A polícia começou a atirar e a fechar as portas. O que mais me impressionou foi aquele estudante de medicina batendo com a cabeça no meio fio, em frente ao Theatro Municipal, e caindo morto. Ele deu um berro horroroso, chocante. Fiz a foto num único fotograma, e não deu tempo pra mais nada porque os policiais vieram pra cima de mim. Foi horrível (MOREIRA, 2014, p.85).

Talvez a imagem (Figura 3) seja a mais simbólica do que foi aquele período difícil que o país atravessava.

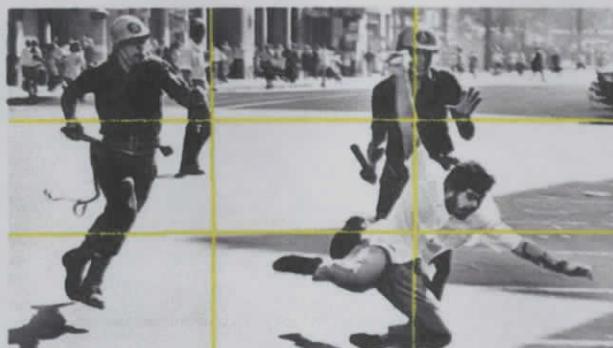


Figura 3 - Movimento estudantil de 68/Sexta-feira Sangrenta na Cinelândia (Rio 1968)
Fonte: Moreira (2014).

Segundo as pesquisas de Moreira (2014), esse momento foi captado num único fotograma, pois assim que foi avistado pelos policiais Evandro Teixeira foi perseguido, correu muito e conseguiu escapar. As fotos tinham que ser feitas às pressas, não havendo tempo de se fazer um enquadramento perfeito. Nesse episódio, registrou a morte do estudante e muitas pessoas sofrendo violências físicas ou atropeladas pelos cavalos. Não havia a possibilidade de elaborar uma foto, era puro reflexo, capacidade de reação ao momento que determinava o que era possível capturar. Em algumas situações usava uma objetiva grande angular, que exige mais proximidade do acontecimento, o que representa se expor mais ao perigo. A repressão não perdoava, agredia os estudantes e jornalistas, não era fácil fotografar nesse tempo, era pura pressão, pois se fosse pego seria espancado e seu equipamento destruído: “Trabalhar no fotojornalismo era como ser correspondente de guerra, era preciso ter noção do que estava fotografando, que enfrentava e do perigo que corria. A gente tinha que ser ousar. Se não se arriscasse, não fotografava (MOREIRA, 2014, p.85).

Na figura 3 pode-se observar a regra dos terços e encontra-la bem definida, pois os motivos principais estão sobre os pontos onde as retas se cruzam exatamente, colocando nos eixos à direita, o policial, e o estudante caindo. No primeiro ponto principal à esquerda, temos um policial indo na direção do estudante e um passante, que apenas observa. A foto mostra um fundo desfocado, dando ênfase ao primeiro plano, os objetos principais da foto, ou seja, os soldados e o estudante caindo. Do passante para trás, inclusive ele, observamos que as pessoas ficam sem uma fisionomia perfeita, apenas silhuetas disformes. O fotógrafo, ignorou o passante e a paisagem urbana ao fundo, dando ênfase aos objetos principais, e conforme Fraga e Zingano (2014, p.60) “ênfase, é dar um destaque ao objeto ou objetos principais da foto e desprezar o fundo”.

Tratando-se de uma foto feita durante um momento de muita pressão, muita adrenalina, pode-se creditar ao fato dos encaixes, também a uma boa dose de sorte.

Poucos dias depois da "Sexta-Feira Sangrenta", os estudantes organizaram outra manifestação, que ficaria conhecida como a "Passeata dos Cem Mil", entre os manifestantes estava Vladimir Palmeira, líder da União Metropolitana dos Estudantes, a UME, que segundo rumores seria preso ou morto pelo regime durante ou após a manifestação. Evandro com sua Leica em punho, acompanhou Vladimir por toda a passeata, e ao final viu Vladimir entrar num fusca e sumir (MOREIRA, 2014).

A foto abaixo (Figura 4) foi feita do alto da escadaria da Câmara Municipal, na Cinelândia, no centro do Rio, durante a "Passeata dos Cem Mil".



Figura 4 - Passeata dos Cem Mil (Rio, 1968)
Fonte: Moreira (2014)

Observando a foto acima considerando a regra dos terços, nota-se que a faixa, o elemento de maior destaque, está próxima ao ponto principal, quase no cruzamento da linha esquerda vertical, com a da primeira linha horizontal. Evandro destacou a faixa onde podemos ler "Abaixo a Ditadura, Povo no Poder", e colocou o maior número de pessoas possível dentro da imagem. A localização da faixa também merece uma atenção especial, está do lado esquerdo, e claro que em tempos de batalha entre os movimentos esquerdistas e o regime militar, não pode ser considerada simplesmente uma obra do acaso. Temos também que os rostos são vistos com suas fisionomias decifráveis e o toque final foi a faixa no lado esquerdo. Nessa imagem a multidão e a faixa se completam, separadas nada representariam. Sobre a figura 4, Fraga e Zingano (2014, p.62) alegam que "o elemento unidade, diz que tudo o que compõe a fotografia tem que dizer algo, ter uma função, tornando-a uma imagem completa".

Conforme relatos de Evandro Teixeira, Moreira (2014) conta que os contatos eram manipulados, escurecidos para dificultar que os censores identificassem as imagens. Jogavam a culpa nos estagiários. Como faltava aos censores uma boa leitura de imagens, autorizavam

as publicações. Quando percebiam o engodo já era tarde, as fotos estavam nas primeiras páginas dos jornais. Por essa razão muitos fotojornalistas foram perseguidos e o próprio Evandro Teixeira se ausentou do Rio para não ser preso.

Segundo Moreira (2014, p.81), Evandro Teixeira tinha outros ideais políticos, era contra o Golpe Militar, “Achava que sua função era lutar com a arma que dispunha, ou seja, a câmera fotográfica”, por isso se empenhava para que suas fotos fossem publicadas.

Na época, a ditadura já se instalara no Brasil. E, desde o primeiro momento, Evandro lutou contra ela sem pegar em armas. Munido de uma câmera e coragem, entrou no campo de batalha e apertou o gatilho e disparou para todos os lados. Testemunha ocular da História, efetuou registros importantes e únicos desse período (MOREIRA, 2014, p. 80).

3 Considerações Finais

Reverendo os relatos, observando os fatos e as imagens registradas por Evandro Teixeira no período da ditadura militar no Brasil, que aqui foram discutidas, podemos dizer que o fotojornalista teve uma importância muito grande no processo de democratização. Ele foi o elo de ligação entre o fato e os veículos de comunicação que resistiam ao regime e a população oprimida. Foi dele a responsabilidade de sair às ruas e buscar as imagens que mostrassem a verdadeira face do regime, já que os textos, muito censurados não conseguiam. Uma tarefa perigosa e de grande responsabilidade naquele momento político e social delicadíssimo, onde para ser preso ou torturado bastava estar trabalhando, ou seja, fotografando. Nesse contexto, sair às ruas para buscar boas imagens se assemelhava ao trabalho de um correspondente de guerra, a repressão era muito forte e violenta.

Durante o período mais hostil do regime, Evandro Teixeira, o fotojornalista em foco, trabalhava no Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, um dos veículos de comunicação mais censurados pelo regime. Uma das dificuldades enfrentadas para fotografar para o Jornal do Brasil, era a proibição do uso do fotômetro bem como do flash, e assim fotografar era muito mais difícil, mas Evandro compensou a ausência desses acessórios com muita técnica, improviso e criatividade.

Uma das artimanhas para publicar uma foto comprometedoras do regime, mesmo passando pelos censores, era manipular os contatos, escurecê-los, numa tentativa de dificultar a identificação das imagens, o que em algumas vezes deu certo devido à falta de leitura visual dos censores. Quando a artimanha era descoberta, a foto já havia sido publicada. Como

resultado dessa artimanha, Evandro, por várias vezes precisou sair do Rio para não ser preso, sempre retornando depois de um tempo ao perceber que as coisas estavam mais calmas.

Evandro brigava muito para sua foto ser publicada, não se contentava enquanto não tivesse a certeza de que sua foto seria publicada, não bastava sair e fotografar, tinha ainda a concorrência dentro do departamento de fotografia.

Por fim, diante desta breve pesquisa que almejou elucidar as características do fotojornalismo de Evandro Teixeira, conclui-se que sua obra revela nossa história através de suas imagens.

4 Referências

FRAGA, Célia Adriany de J. V. de O. ZINGANO, Ester Miriane. Fotografia: linguagem visual. **Revista Maiêutica**, v. 3, n. 1, p. 51-72, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/NdkVfe>> Acesso em: 13 ago 2017.

CORRÊA, Michelle Viviane Godinho. **Atos Institucionais**. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/KUugmm>> Acesso em: 28 nov 2017.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. **A imprensa na história do Brasil Fotojornalismo no século XX**, ed. PUC-RIO, Desiderata 2005.

MOREIRA, Silvana Costa. TEIXEIRA, Evandro. **Um certo olhar**. 1. ed Rio de Janeiro, 7 Letras, 2014.